

© Editora Estação Liberdade, 1992, 2001, para esta tradução

*Revisão, 1ª edição* Maria Cristina Barreto, Valéria Minosso  
Lopes e Vicente Cechelero

*Revisão, 2ª edição* Tania Mano Maeta

*“Vida e obra de Zola” e texto de orelha* Joana Canêdo / Estação Liberdade

*Composição* Pedro Barros / Estação Liberdade

*Capa* Edilberto F. Verza e Pedro Barros

*Ilustração da capa* Albert Marquet: *Le Pont-Neuf*, 1906 (detalhe).  
Óleo s/ tela, National Gallery of Art,  
col. Chester Dale, Washington.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Zola, Émile, 1840-1902.

Thérèse Raquin / Émile Zola ; tradução de Joaquim  
Pereira Neto. — 2. ed. rev. — São Paulo : Estação  
Liberdade, 2001.

Título original: Thérèse Raquin

**ISBN 85-7448-044-4**

1. Romance francês I. Título

01-4387

CDD-843.7

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Romances : Século 19 : Literatura francesa 843.7
2. Século 19 : Romances : Literatura francesa 843.7

O tradutor desta obra beneficiou-se de uma bolsa-residência no Colégio Internacional dos Tradutores Literários em Arles, concedida pelo Instituto Regional do Livro – Conselho Regional Provença-Alpes-Costa Azul.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Estação Liberdade Ltda.

Rua Dona Elisa, 116 — 01155-030 — São Paulo–SP

Tel.: (11) 3661 2881 Fax: (11) 3825 4239

e-mail: editora@estacaoliberalidade.com.br

<http://www.estacaoliberalidade.com.br>

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO FRANCESA

Acreditei ingenuamente que este romance pudesse dispensar prefácio. Tendo por hábito dizer claramente o que penso, e mesmo insistir nos pormenores do que escrevo, esperava ser compreendido e julgado sem explicação prévia. Parece que me enganei.

A crítica acolheu este livro de uma maneira brutal e indignada. Algumas pessoas virtuosas, em jornais não menos virtuosos, fizeram uma careta de asco, pegando-o na pontinha dos dedos para lançá-lo ao fogo. Mesmo as pequenas gazetas literárias, essas gazetas que a cada tarde trazem a crônica das alcovas e dos gabinetes privados, taparam o nariz falando de lixo e de podridão. Eu absolutamente não me queixo dessa acolhida; ao contrário, encanta-me constatar que os meus colegas têm nervos sensíveis de mocinhas. É bastante evidente que a minha obra pertence aos meus juízes, e que podem considerá-la nauseabunda sem que eu tenha o direito de protestar. Se eu protesto é porque, a meu ver, nenhum dos pudicos jornalistas que coraram ao ler *Thérèse Raquin* parece ter compreendido o romance. Se o tivessem compreendido talvez tivessem corado mais ainda, mas pelo menos eu experimentaria a íntima satisfação de os ter enojado com razão. Nada é mais irritante do que ver dignos escritores levantarem-se contra a depravação, quando se está

intimamente persuadido de que o fazem sem saber exatamente contra o quê o fazem.

Portanto, tenho de apresentar eu mesmo a minha obra aos meus juízes. Eu o farei em poucas linhas para evitar no futuro qualquer mal-entendido.

Em *Thérèse Raquin*, eu quis estudar temperamentos e não caracteres. Aí está todo o livro. Escolhi personagens soberanamente dominados pelos nervos e pelo sangue, desprovidos de livre arbítrio, arrastados em cada ato de suas vidas pelas fatalidades da própria carne. Thérèse e Laurent são animais humanos, nada mais. Procurei acompanhar nesses animais o trabalho surdo das paixões, as violências do instinto, os desequilíbrios cerebrais ocorridos na seqüência de uma crise nervosa. Os amores dos meus dois heróis são a satisfação de uma necessidade; o crime que cometem é uma consequência do adultério, consequência que aceitam como os lobos aceitam o assassinato dos cordeiros; enfim, o que eu me vi obrigado a chamar de remorso consiste numa simples desordem orgânica, numa rebelião do sistema nervoso tenso a ponto de romper-se. A alma está absolutamente ausente, concordo perfeitamente, uma vez que eu quis assim.

Começa-se, espero, a compreender que o meu objetivo foi um objetivo científico antes de tudo. Quando as minhas duas personagens, Thérèse e Laurent, foram criadas, eu tive o prazer de levantar e resolver determinados problemas: dessa feita, tentei explicar a união estranha que se pode produzir entre dois temperamentos diferentes, mostrei as perturbações profundas de uma natureza sangüínea em contato com uma natureza nervosa. Que se leia o romance com cuidado e ver-se-á que cada capítulo constitui o estudo de um caso curioso de fisiologia. Numa palavra, não tive senão um desejo: considerando um homem vigoroso e uma mulher insaciada, procurar neles o animal, e mesmo ver unicamente o animal, lançá-los num drama violento, e observar escrupulosamente as sensações e os atos desses seres. Eu simplesmente fiz com dois seres vivos o trabalho que os cirurgiões fazem com cadáveres.

Admitam que é difícil, quando se termina semelhante trabalho, ainda mergulhado nos graves prazeres da busca do verdadeiro, ouvir algumas pessoas o acusando de ter tido como único objetivo a exposição de quadros obscenos. Eu me senti como aqueles pintores que copiam nus sem que nenhum desejo se manifeste, e ficam profundamente surpresos quando um crítico se declara escandalizado pelas carnes vivas de sua obra. Enquanto escrevi *Thérèse Raquin*, esqueci o mundo, mergulhei na cópia exata e minuciosa da vida, entregando-me por inteiro à análise do mecanismo humano, e asseguro que os amores cruéis de Thérèse e Laurent não tinham para mim nada de imoral, nada que pudesse conduzir a paixões perniciosas. A humanidade dos modelos desaparecia como desaparece aos olhos do artista que tem uma mulher nua estendida diante de si, e que pensa unicamente em colocar essa mulher sobre a própria tela na verdade das suas formas e das suas cores. A minha surpresa também foi grande quando ouvi qualificarem a minha obra de poça de lama e de sangue, de esgoto, de imundície, e não sei mais o quê! Eu conheço o joguinho da crítica, eu próprio participei de tudo isso; mas confesso que o conjunto do ataque desconcertou-me um pouco. Qual! Não se apresentou um só dos meus colegas para explicar o meu livro, senão para o defender! Em meio ao concerto de vozes que gritavam: “O autor de *Thérèse Raquin* é um pobre histérico que se deleita expondo pornografias”, esperei inutilmente uma voz que respondesse: “Ah! não, esse escritor é um simples analista, que talvez tenha se demorado um pouco na podridão humana, mas que o fez como um médico num anfiteatro.”

Notem que eu absolutamente não peço a simpatia da imprensa por uma obra que repugna, diz ela, os sentidos delicados. Não tenho tanta ambição. Espanta-me apenas que os meus colegas tenham feito de mim uma espécie de lixo literário, eles cujos olhos deveriam reconhecer em dez páginas as intenções de um romancista, e contento-me em lhes suplicar humildemente que no futuro tenham a bondade de me ver tal qual eu sou e discutir o meu trabalho por aquilo que eu sou.

Era fácil, entretanto, compreender *Thérèse Raquin*, colocar-se no campo da observação e da análise, apresentar-me os meus verdadeiros erros, sem precisar recolher lama para me lançar ao rosto em nome da moral. A obra exigia apenas um pouco de inteligência e algumas idéias de conjunto de verdadeira crítica. A acusação de imoralidade em matéria de ciência não prova absolutamente nada. Não sei se o meu romance é imoral, confesso que jamais tive a preocupação de o fazer nem mais nem menos casto. O que eu sei é que nem por um instante pensei em colocar nele as sujeiras levantadas pelos moralistas; ocorre que eu escrevi cada cena, mesmo as mais febris, movido unicamente pela curiosidade do cientista; assim, eu desafio os meus juízes a encontrar nesse livro uma página realmente licenciosa, composta para os leitores daqueles livros água-com-açúcar, daquelas indiscrições de toucador e de bastidores, com tiragem de dez mil exemplares, recomendados calorosamente pelos jornais aos quais as verdades de *Thérèse Raquin* causaram náusea.

Algumas injúrias, muitas tolices, foi tudo o que eu li até agora sobre a minha obra. Digo-o aqui, tranqüilamente, como o diria a um amigo que me perguntasse na intimidade o que penso da atitude da crítica a meu respeito. Um escritor de grande talento, a quem me queixei do pouco de simpatia que tenho encontrado, respondeu-me com essa frase profunda: "O senhor tem um grande defeito que lhe fechará todas as portas: não consegue falar dois minutos com um imbecil sem fazê-lo compreender que é um imbecil." Talvez seja isso; sinto a situação desvantajosa em que me coloco diante da crítica acusando-a de inteligência, e não posso, todavia, deixar de expressar o desdém que sinto pelo seu horizonte tacanho e pelos julgamentos que ela faz às cegas, sem o menor espírito de método. Falo, certamente, da crítica corriqueira, daquela que julga com todos os preconceitos literários dos tolos, por incapacidade de se colocar do ponto de vista amplamente humano exigido por uma obra humana para ser compreendida. Eu jamais vi tanta falta de habilidade. Os poucos socos que a pequena crítica desferiu contra mim, por ocasião do lançamento de *Thérèse Raquin*,

perderam-se como sempre no vazio. Em geral ela bate em falso, aplaudindo os *entrechats* de uma atriz medíocre e protestando em seguida contra a imoralidade de um estudo psicológico, sem compreender nada, sem querer compreender e atacando sempre, se a sua parvoíce em pânico lhe diz para atacar. É exasperante ser atacado por erro que não se cometeu. Há momentos em que lamento não ter escrito obscenidades; tenho a impressão de que ficaria feliz em receber pancadas merecidas, no meio dessa chuvinha de pancadas que caem estupidamente sobre minha cabeça, sem que eu saiba por quê.

Não há, nesse nosso tempo, senão dois ou três homens capazes de ler, compreender e julgar um livro. Desses eu aceito receber lições, persuadido de que não falarão sem ter penetrado as minhas intenções e apreciado os resultados dos meus esforços. Eles evitariam pronunciar belas palavras vazias como moralidade e pudor literário; reconhecer-me-iam, nesses tempos de liberdade da arte, o direito de escolher os meus temas onde melhor me parecesse, exigindo de mim obras conscienciosas, por saberem que apenas a tolice fere a dignidade das letras. Certamente, a análise científica que tentei aplicar em *Thérèse Raquin* não os surpreenderia; encontrariam aí o método moderno, o instrumento de investigação universal de que o século se serve com tanta febre para perscrutar o futuro. Quaisquer que fossem as suas conclusões, admitiriam o meu ponto de partida, o estudo do temperamento e das modificações profundas do organismo sob a pressão do meio e das circunstâncias. Estaria diante de verdadeiros juízes, de homens que de boa-fé buscam a verdade, sem puerilidade nem falso pudor, que não acreditariam dever se mostrar repugnados diante do espetáculo de peças de anatomia nuas e vivas. O estudo sincero purifica tudo, como o fogo. Por certo, diante do tribunal com que eu me deleito em sonhar nesse momento, minha obra seria bem humilde; pediria para ela toda a severidade dos críticos, gostaria que saísse forrada de correções. Mas pelo menos eu teria tido a alegria profunda de me ver criticar por aquilo que tentei fazer, e não por aquilo que não fiz.

Tenho a impressão de ouvir desde já a sentença da grande crítica, da crítica metódica e naturalista que renovou as ciências, a história e a literatura: "*Thérèse Raquin* é o estudo de um caso muito excepcional; o drama da vida moderna é mais maleável, menos angustiante no horror e na loucura. Semelhantes casos são rejeitados para o segundo plano de uma obra. O desejo de nada perder das suas observações levou o autor a colocar cada detalhe em evidência, o que deu ainda maior tensão e crueza ao conjunto. Por outro lado, o estilo não apresenta a simplicidade exigida por um romance de análise. Seria necessário, em suma, para que o escritor fizesse um bom romance, que visse a sociedade de uma perspectiva mais ampla, que a retratasse sob seus aspectos múltiplos e variados, e sobretudo que empregasse uma linguagem clara e natural."

Queria responder em vinte linhas a ataques irritantes pela sua ingênua má-fé, e percebo que me ponho a conversar comigo mesmo, como sempre me acontece quando seguro a pena por muito tempo. Detenho-me, sabendo que os leitores não gostam disso. Tivesse tido a vontade e o tempo de escrever um manifesto, talvez tivesse tentado defender aquilo que um jornalista, falando de *Thérèse Raquin*, chamou de "a literatura putrefata". Mas, para quê? O grupo de escritores naturalistas ao qual tenho a honra de pertencer tem coragem e fôlego suficientes para produzir obras fortes, trazendo em si mesmas a própria defesa. É necessária toda a cegueira voluntária de uma certa crítica para forçar um romancista a escrever um prefácio. Já que, por amor da clareza, cometi o erro de escrevê-lo, reclamo o perdão das pessoas de inteligência, que para ver claramente não precisam que se lhes acenda uma lanterna em pleno dia.

*Émile Zola*

15 de abril de 1868